

INTRODUÇÃO

IRENE RUTH HIRSCH [4 DE JUNHO DE 1954- 28 DE ABRIL DE 2010]

Este volume é dedicado à memória de Irene Hirsch, que faleceu de complicações de câncer, em 28 de abril de 2010. Irene foi minha aluna de mestrado (“A Baleia Multiplicada: Traduções, Adaptações e Ilustrações de *Moby-Dick*”, 1998), e, posteriormente, de doutorado (“História dos EUA: Made in Brazil” 2002, publicado como *Versão brasileira: traduções de autores de ficção em prosa norte-americanos do século XIX*, pela editora Alameda de São Paulo, em 2006). Seu mestrado deu importância especial às adaptações e às ilustrações de *Moby Dick*; e o estudo de doutoramento tratou da influência da cultura norte-americana exercida sobre o Brasil por meio de traduções de literatura. Recentemente, trabalhamos juntos num projeto sobre o papel da tradução na Inconfidência Mineira, sendo que os primeiros achados de Irene estão no artigo deste volume: “Traduções na América portuguesa: as bibliotecas dos revolucionários brasileiros”. Seu trabalho foi muito significativo na divulgação da importância dos estudos históricos da tradução no Brasil.

Em 1997, Irene e eu tivemos a ideia de iniciar uma revista que reunisse traduções de poesia e ficção curta, e assim nasceram os *Cadernos de Literatura em Tradução*. Irene cuidou da organização e formatação dos primeiros sete números, alguns dos quais, juntamente com a sua irmã Sylvia. No volume 1 dos *Cadernos*, publicou “A Baleia Traduzida”, sobre a sua pesquisa das traduções de *Moby-Dick*, e, no volume 6, “Escritos da abolição”, a tradução de um trecho de *Meu Cativo e Minha Liberdade*, de Frederick Douglass.

Irene foi também tradutora: *Moby-Dick* (2008), *A Piscina Mortal* (2007), *Mas Não Se Matam Cavalos?* (2007), *Um Assassino entre Nós* (2007), *O Vale do Terror* (2006), *Bartleby, o escrivão* (2005), *Chocolate, Piratas e Outros Malandros* (1999), *A Primeira Crise da Dívida Latino-Americana* (1998). *Pessoas Extraordinárias*

rias: *Resistência, Rebelião e Jazz* (1998), sendo que algumas dessas obras foram traduzidas em co-autoria.

Esperávamos que a Irene fosse ver a publicação deste número de *TradTerm*, mas não foi o caso. Em 28 de abril, minha orientanda do doutorado, Maria Teresa Quirino, de cuja banca de defesa de mestrado Irene participou, voltava da USP para Sorocaba lendo *Bartleby* na tradução de Irene. Logo depois de chegar em casa, recebeu a mensagem eletrônica que enviei sobre a sua morte...

Irene e eu também tivemos a ideia de fazer este número especial de *TradTerm: A Tradução no Brasil: História, Sociedade, Política*. Além do artigo da Irene sobre os conteúdos das bibliotecas dos Inconfidentes e dos participantes da Revolta dos Alcaides, este número *TradTerm* tem sete outros artigos que refletem sobre elementos históricos, sociais e políticos no Brasil e sua relação com a tradução. Paulo Edson Alves Filho analisa as traduções de José de Anchieta para o tupi, notando que os Jesuítas no Brasil aprenderam o tupi, uma forma de inculturação, para conseguir converter os silvestres ao catolicismo, sua aculturação para a religião dos colonizadores.

Marcia Amaral Peixoto Martins e Anna Olga Prudente de Oliveira fazem um estudo arqueológico sobre as traduções do segundo imperador de Brasil, Dom Pedro II, um erudito e estudioso que conhecia grande número de línguas e que preferia seus estudos e traduções aos assuntos de estado. Cristina Carneiro Rodrigues escreve sobre *Brasíliana*, revista importante na história do Brasil, concentrando-se na maneira pela qual Américo Jacobina Lacombe, tradutor de *Explorations of the Highlands of the Brazil with a full account of the gold and diamond mines*, do explorador inglês, Richard Burton, apagou vários elementos do trabalho de tradução que Burton praticou dentro do texto.

O artigo de John Milton examina a importância de fatores econômicos na produção de traduções, enfatizando que o grande crescimento no número de traduções publicadas nos anos de 1930 e 1940 deve-se, em bom grau, à política econômica do governo Vargas. Este período é comparado a outro período de grande crescimento econômico no mercado livreiro, o dos anos de 1970, em plena ditadura militar.

Dois artigos analisam as traduções da obra de Jorge Amado fora do Brasil: Marly D’Amaro Blasques Tooge descreve o papel central do editor Alfred A. Knopf na publicação da obra de Amado e de Gilberto Freyre como parte da política de Boa Vizinhança dos Estados Unidos durante e depois da Segunda Grande Guerra. Jaroslaw Jezdzikowski examina as traduções dos livros de Amado na Polônia: durante a época comunista, quando ele foi considerado como um tipo de escritor “oficial”. Porém, essa associação foi tão grande que, nas últimas duas décadas, após a queda do comunismo, a obra perdeu sua popularidade na Polônia.

E, *last but not least*, Eliane Euzebio analisa a maneira em que o anticomunismo do político carioca aparece na sua tradução de *Il est moins cinq*, de Suzanne Labin. O artigo mostra a importância dos paratextos – as notas de rodapé e posfácios – que Lacerda utiliza para comunicar seu medo do comunismo vir a dominar o governo do Presidente João Goulart.

Finalmente, há sete resenhas, seis sobre obras teóricas e uma sobre uma tradução de Monteiro Lobato.

A influência da tradução na história brasileira é uma área quase virgem e intocada. Esperamos que este volume seja um começo dessa exploração.

John Milton

